

FLORESTA DE CAROÇOS: MÃOS FEMININAS QUE ENSINAM BIOLOGIA

BOSQUE DE CAROÇOS: MANOS FEMENINAS QUE ENSEÑAN BIOLOGÍA

Emylia Angélica da Costa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
emyliaac@yahoo.com.br

Rejane Leal Candido

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
rejane.candido@uftm.edu.br

Danilo Seithi Kato

Universidade de São Paulo (USP)
katods@usp.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi inferir algumas proposições a partir de observações realizadas no território do Assentamento Mario Lago, onde, a percepção de práticas agrofloretais possibilita conexões com o ensino de biologia. A observação, participação e construção deste texto partiu da vivência no Assentamento Mario Lago na cidade de Ribeirão Preto/SP que atualmente é uma referência em práticas agrofloretais para todo país. Percebemos, nesta construção, que todo o enredo e ações feitas, conhecimentos construídos e estabelecidos por essas mulheres dentro deste assentamento nos diz respeito a um ponto chave: A NATUREZA.

Palavras-chave: comunidades de prática; agroflorestras; processos educativos; territorialidades; ensino de ciências.

Eixo temático: 6 - Ensino de Ciências e Biologia, questões socioambientais e de saúde

Modalidade: pesquisa acadêmica.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue inferir algunas proposiciones a partir de observaciones realizadas en el territorio del Asentamiento Mario Lago, donde la percepción de las prácticas agrofloretais posibilita conexiones con la enseñanza de la biología. La observación, participación y construcción de este texto surgió de la experiencia en el Asentamiento Mario Lago, en la ciudad de Ribeirão Preto/SP, que actualmente es referencia en prácticas agrofloretais en todo el país. Nos dimos cuenta, en esta construcción, que toda la trama y las acciones realizadas, los conocimientos construidos y establecidos por estas mujeres dentro de este asentamiento nos concierne a un punto clave: la NATURALEZA.

Palabras clave: comunidades de practica; agroforestales; procesos educativos; territorialidades; enseñanza de las ciencias.

Eje temático: 6 - Enseñanza de Ciencias y Biología, cuestiones socioambientales y de salud.

Modalidad: investigación académica.

INTRODUÇÃO

“Um útero é do tamanho de um punho”, já dizia Angélica de Freitas em seu livro de poemas voltado às mulheres e publicado em 2017. Um título muito interessante e com muitas relações ao que cabe ou coube, ou a quem foi gerado no útero. O útero que gera, que narra fases do crescimento embrionário, que guarda vida, assim como as mãos de trabalhadoras rurais que seguram e semeiam sementes. Neste texto trataremos de mãos femininas que guardam saberes, semeiam vidas e cuidados com outras formas de vida, que movimentam e lutam pela terra e que protegem a água de um dos reservatórios subterrâneos mais importantes do Brasil: o Aquífero Guarani.

A escrita é um recorte que contempla dados de observações realizadas a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento, que tem por objetivo analisar como os processos educativos que integram as ações da SAFs, assim como as relações existentes entre as mulheres da terra e o território onde residem e atuam possibilitando uma Educação Ambiental de Base Comunitária. A mesma se passa no Assentamento Mario Lago na cidade de Ribeirão Preto/SP que atualmente é uma referência em práticas agroflorestais para todo país.

Guiados pelas sugestões de um olhar e uma escuta atenta, sensível e humilde propostas por Vinciane Despret, em seu livro *Habitar como um pássaro* (2022), para com os territórios e suas territorialidades, a observação participante tem sido um dos instrumentos metodológicos utilizados nesta pesquisa que se enquadra em uma perspectiva de pesquisa participante com traços metodológicos de aproximações da investigação ação participante e da pesquisa narrativa. Ao articular os discursos com experiências práticas e observações concretas no e com o território (FALS BORDA, 1999), buscamos compreender quais ações ensinam biologia nos territórios? Quais práticas e/ou experiências agroflorestais permitem práticas educativas nos territórios?

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é inferir algumas proposições a partir de observações realizadas no território do Assentamento Mario Lago, onde, a percepção de práticas agroflorestais possibilita conexões com o ensino de biologia.

FLORESTAS, SEMENTES E MULHERES:

TERRITÓRIO/TERRITORIALIDADES DO ASSENTAMENTO MÁRIO LAGO

O Assentamento Mário Lago, localizado no município de Ribeirão Preto em São Paulo, era uma antiga propriedade rural, denominada de Fazenda da Barra, que ficava entre a Rodovia Anhanguera e o Rio Pardo. Geograficamente, a área ocupada pelo assentamento encontra-se sobre uma região de descarga do Sistema Aquífero Guarani, o maior reservatório de água doce do mundo, subjacente aos territórios do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Ressalta-se que o município de Ribeirão Preto é destaque por ser uma “potência”¹ sucroalcooleira no país, visto que a região, historicamente, apresenta-se como pólo de atração de força de trabalho tanto nas épocas de safra da cana-de-açúcar como nas entressafras, além do mais, com a modernização agrícola e os altos investimentos em agroquímicos, que tem refletido em todo o cenário agrícola tanto em ganhos na produção quanto em prejuízos à saúde dos trabalhadores, é no solo, e principalmente na água que tem sido perceptíveis altíssimos índices destas substâncias (AGUIAR, 2011; LIMA, et. al., 2023).

Um dos fatores que possibilitou a construção de um projeto de assentamento para reforma agrária com bases agroecológicas nesta região foi justamente a preservação do aquífero. Sob a organização de lideranças do Movimento Sem Terra (MST), a tutela de termo de ajuste de conduta e de um projeto de desenvolvimento sustentável (PDS), de acordo com Engelmann (2024),

[...] a perspectiva agroecológica foi um dos fatores fundamentais abordados pelo Movimento Sem Terra para a formação do assentamento e a organização do trabalho das famílias. A necessidade

¹ A microrregião de Ribeirão Preto é responsável por um dos maiores índices produtivos do setor canavieiro, com mais de 26 milhões de toneladas produzidas. Deste modo o processo de mecanização foi considerado o principal vetor de evolução e expansão da atividade canavieira, principalmente com a implantação do Proálcool. No entanto, esse processo de mecanização tem gerado discussões polêmicas entre os diferentes grupos sociais envolvidos com a problemática da alteração nas relações de emprego e com questões relacionadas à saúde dos trabalhadores (OLIVEIRA *et. al.*, 2023).

de formar um assentamento neste formato se justifica pela necessidade de garantir função social à terra, cumprindo os requisitos da Constituição Federal; ampliar a capacidade de produção de alimentos saudáveis agroecológicos; recuperar as terras degradadas pela cana-de-açúcar e, ideologicamente promover o contraponto ao modelo de agricultura baseado na concentração fundiária e o monocultivo de contaminação que era praticado na região de Ribeirão Preto (ENGELMANN, 2024).

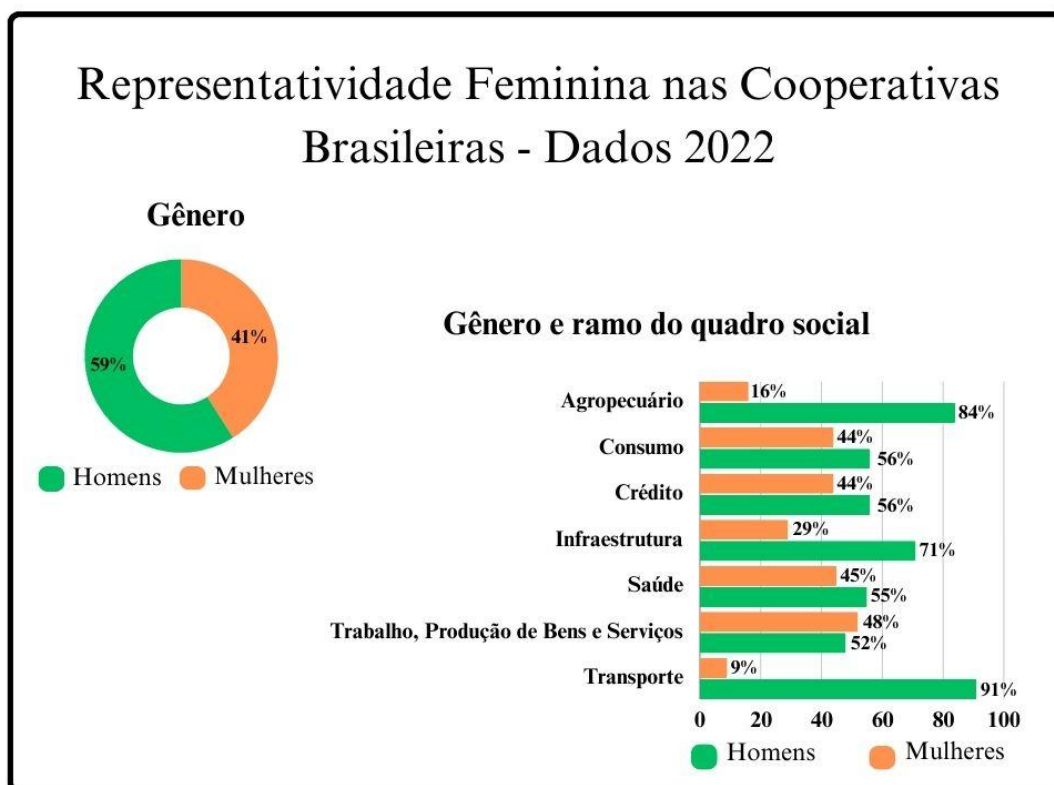
Os territórios, para além de delimitações geográficas, são espaços corporais e existenciais que promovem práticas educacionais e reflexões pedagógicas contextualizadas e enraizadas nas realidades dos sujeitos educativos (CARRILLO, 2020). Logo, nota-se que a forma organizacional do assentamento Mario Lago é predominantemente a cooperação, mais especificamente em modo de cooperativas agroflorestais. Rompendo uma estrutura agrícola hegemônica da promoção de monoculturas, as cooperativas agrícolas agroflorestais são sistemas solidários, que unem pessoas de modo voluntário para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida, focando sempre o objetivo de eliminar intermediários, barateando custos e diminuindo preços por meio da racionalização e da produção em grande escala (SEBRAE, 2022).

Vista como uma maneira de organizar os assentados para a luta, contra essa estrutura que homogeneiza a agricultura, as cooperativas tendem a cumprir um papel educativo entre os camponeses (CONCRAB, 1999). Wenger e Trayner (2015) nomeiam essas cooperações de comunidades de prática. O termo é relativamente recente, embora as relações existentes datem da antiguidade. Para estes autores, as comunidades de prática são formadas por pessoas que se engajam em um processo de aprendizagem coletiva em um domínio compartilhado do esforço humano, em outras palavras, compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem e aprendem a fazer melhor à medida que interagem regularmente (WENGER e TRAYNER, 2015).

A Cooperativa Agroecológica Mãos da Terra (COMATER) é uma das cooperativas existentes no Assentamento e é composta basicamente por mulheres (em torno de 90% de sua composição e gestão) que produzem alimentos via sistema agroflorestal (SAFs), incorporando uma cultura agrícola voltada à segurança alimentar,

produzindo alimentos totalmente orgânicos. A formação de cooperativas neste modelo, permite a preservação ambiental, o fornecimento de alimentos e qualidade de vida a trabalhadoras (res)/moradoras(es) do assentamento. Quando se trata de cooperativas rurais de mulheres, o Anuário do Cooperativismo Brasileiro (2023) aponta uma participação de 41% de mulheres em um cenário de mais de 20 milhões de cooperados (Fig 1).

Figura 1: Representatividade feminina nas cooperativas brasileiras



Fonte: Anuário do Cooperativismo Brasileiro de 2023

Dentre a distribuição de gênero por ramo social, somente 16% de mulheres atuam em cooperativas agropecuárias. A COMATER é uma comunidade de prática, educativa e de resistência, visto que são mulheres em um cenário masculino e opressor, onde produzem alimentos diversificados e orgânicos dividindo o mercado com as monoculturas. Sob uma organização baseada na participação ativa de mulheres em forma de núcleos como Educação, Saúde, Produção alimentar e Gênero e Violência, os cargos estão sob a liderança e coordenação feminina. São mulheres, mães, avós, cuidadoras, trabalhadoras rurais assentadas, agrofloresteiras que produzem alimentos sem

agrotóxicos, fazem formação educativa entre elas, seus cooperados e com outras cooperativas; decidem as formas de troca e divisão de trabalho e de ordenamento, preservam a área de recarga do Aquífero; garantem um solo vivo pelas SAFs; produzem banco de sementes para a troca, desvelando a Memória Biocultural para o atual território.

Este conceito, construído por Toledo e Barrera-Bassols (2015), condiz com os princípios tratados por esta comunidade de prática, ele carrega a importância das sabedorias de povos originários e comunidades que resguardam a biodiversidade e a memória da nossa espécie, justamente por terem modos próprios de produção, de relação e manejo com a natureza e de vida. Sendo essa agricultura camponesa, segundo ainda estes dois autores, a força social que molda dialeticamente as construções bioculturais. “Força Social” permitida a partir dessa formação cooperativa e educativa, para a produção de alimentos livres de agrotóxicos.

Conforme bell Hooks (2021) as cooperativas são comunidades de construção educativa, por meio da alegria, do amor, da cumplicidade e da autorregulação articulam conhecimentos de diferentes procedências e nesse processo constroem aprendizagens significativas e transformadoras. Paulo Freire (1992) já mencionava uma educação comunitária, baseada na pedagogia da esperança. Esperançar é uma condição para que as comunidades educativas reajam a violência, as opressões, a liberdade de expressão e questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam.

Diante de um cenário de disputas e questionamentos sobre o modo de viver, de se relacionar, de plantar, de distribuição de terra e renda e de principalmente de coexistir e habitar-se coletivamente nos assentamentos de reforma agrária, essas comunidades são espaços de construção e de resistência em que a prática do acolhimento proporciona pertencimento, características essenciais para o cultivo da esperança, do afeto e o reconhecimento de um sentido comum. Salienta-se que o Assentamento Mario Lago trava ao longo dos anos, uma longa batalha pela implementação de políticas públicas nas áreas de saneamento básico, saúde, educação, coleta de lixo e transporte público, gerando conflitos entre as famílias assentadas com o poder público local.

ESPÉCIES COMPANHEIRAS: RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS QUE ENSINAM BIOLOGIA

Interpelados pela escrita de Haraway (2021) sobre espécies companheiras, principalmente nas relações estabelecidas entre a autora que ora se coloca na condição de cientista ao mesmo tempo que se liga a sua cadela de estimação a partir de um elo genômico, em que ela estabelece pensar uma outra ciência pelos paradigmas dos estudos multiespécies, logo, fomos levados a pensar em possibilidades dialógicas entre os fazeres das práticas agroflorestais realizados pelas mulheres cooperadas que ao mesmo tempo são práticas educativas no território, que convergem com o que se ensina em biologia em um contexto escolarizado. Ressalta-se que nos territórios de comunidades tradicionais, neste caso, nos assentamentos de reforma agrária, o ato de educar não segue diretrizes e categorias da lógica escolarizada com fins de preparo para o mercado de trabalho neoliberal. Há uma outra forma de educar, ou seja, uma educação comunitária voltada à transformação social.

Apresentaremos nesta seção, proposições levantadas a partir da observação participante em um dos momentos educativos² ocorridos no Assentamento Mário Lago. A observação participante é uma das possibilidades de contato pessoal do pesquisador para a busca de dados/informações junto às comunidades permitindo acompanhar as experiências diárias e aprender o significado que atribuem à realidade e às suas ações (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Nesta pesquisa temos apostado no que Stengers (2023) vem chamando de agenciamento simbiótico, no sentido de compreender (enquanto estrangeiro no território) e fazer com que àqueles que nos aceitam nos territórios, uma proposta dinâmica de conhecimento, não uma relação de capturar o outro, mas serem capazes de aprender de modo diferentes com o que importa para eles. Respeitando uma lógica coletiva de não aceitar ou defender uma formulação já acabada, mas que, numa relação simbiótica, ambos sejam capazes de formular seus próprios problemas. Logo, numa pesquisa sentipensante, ao descobrir formas de produzir convergências entre o pensamento³ popular e

² Denominamos de momentos educativos, o encontro das mulheres assentadas com os alunos do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. As primeiras observações realizadas e que deram insights para esta pesquisa, partiram desses encontros, que ocorreram entre os anos de 2022 e 2023.

³ Ao utilizar a palavra pensamento tanto para o popular quanto para o acadêmico, reforçamos nossa crença numa possibilidade de conhecimento convergente, não assimétrico, mas sim, equânime.

pensamento acadêmico, há um ganho de conhecimento mais completo e aplicável à realidade (FALS BORDA, 1999).

Ao relacionar o termo espécies companheiras, foi possível observar nos lotes das mulheres cooperadas do Assentamento, uma relação íntima e afetuosa com as espécies vegetais escolhidas e organizadas ao longo dos canteiros. Nada é descartado, ou seja, se faz a ingestão dos frutos. Caroços e sementes são depositados no solo para que novas plantas cresçam. No sistema agroflorestal é importante que haja simbiose entre as espécies existentes, espécies que tenham diferenciação de sombreamento, e àquelas que trazem certa regulação nas concentrações e disponibilidades de deposição e fluxo de nutrientes.

É de conhecimento que cooperativas e associações comunitárias recebem suporte técnico de agências de apoio e incentivo à agricultura solidária familiar, mas é perceptível que essas trabalhadoras trazem consigo a Memória Biocultural de seus antepassados no sentido de preservação da biodiversidade. Shiva (2003) menciona que a preservação da diversidade corresponde à produção de alternativas à monocultura, à uniformidade e à homogeneidade.

Viver a diversidade na natureza corresponde a viver a diversidade de culturas, não são maneiras de usar a terra, mas maneiras de pensar e de viver. Esse “Viver” na natureza foi historicamente construído como uma dicotomia ser humano/natureza, determinando um distanciamento entre o ser humano e o meio natural, dando a ele um caráter utilitarista, que coloca a Natureza a serviço do ser humano. Mais ainda, a serviço do capitalismo em nome do progresso e da modernidade. E vemos que essa relação, numa perspectiva do Bem Viver, que se pauta numa visão integral tanto de aspectos sociais quanto ambientais, só se torna possível em uma Natureza ou Pacha Mama protegida e conservada. E ao olharmos para as cosmovisões dessas comunidades com a natureza, existe intrínseco a essa relação um respeito mútuo e valorização da biodiversidade, que se liga diretamente em relações de simbiose e pluridiversidade do ecossistema, resultando nas agroflorestas e estabelecendo conexões de maneira orgânica e holística com e na natureza.

Em se tratando de convergência com o ensino de Biologia, no sistema agroflorestal a relação solo-plantas é dinâmica, se apresenta como algo vivo no território e relacional com a espécie humana, o que nos permite compreender, que nesse território,

sob ação das SAFs, há uma relação interespecífica de cooperação, onde a lógica é garantir que as espécies trabalhem juntas. As espécies arbóreas, principalmente as que apresentam rápido crescimento, possibilitam o aumento de disponibilidade de biomassa e frações de sombreamento para que espécies com outras exigências de luminosidade possam crescer, o que nos remete à conceitos em loco de sucessão ecológica. Outro fato observado se refere a cobertura do solo, seja ele com palhada, ou com material de poda, que por vezes é recebido no Assentamento vindo de empresas específicas que realizam esse manejo na cidade de Ribeirão Preto.

Manter o solo coberto com a palhada, que nos sistemas convencionais de plantio ,seria “lixo”, a umidade do solo é garantida, permitindo o restabelecimento de uma fauna atuante no solo e que em associação com fatores abióticos como luminosidade e temperatura específicas, disponibilizam nutrientes para o crescimento dos vegetais que servem tanto para alimentação humana e de outros seres vivos, quanto para melhoria da qualidade do ar e proteção dos mananciais do território, além de promover equilíbrio biológico, auxiliando no controle de pragas e doenças.

Assim como no cuidado com os filhos, vemos o cuidado das mulheres com as sementes, depositados no solo como um berço que recebe o bebê, ou como elas mesmas citam, “um ninho” que abriga vida, ao contrário, de covas. Seguram firmemente, frutos, ramos e sementes em suas mãos, as mesmas que partilham a distribuição igualitária do que cabe a cada família de uma mulher da COMATER. Rememorando aqui o trecho do início do texto, que trata do útero do tamanho da mão, Zaragocín (2023), trata o útero como uma identidade geopolítica feminista decolonial, na qual as mulheres reivindicam essa parte do corpo para criar uma territorialidade de resistência, onde deve-se dar atenção ao que ocorre com o corpo para se abrirem possibilidades conceituais a respeito da relação corpo-terra, corpo-território ou território-corpo-terra.

Acreditamos que essa relação com as sementes, do ingerir e depositar no “ninho” do solo, possa ser uma outra noção de corporalidade que Zaragocin (2023) menciona, visto uma variedade de identidades espaciais em contextos específicos onde a morte do lugar converge com a morte dos corpos. Pensando no contexto do Assentamento Mario Lago, a possibilidade de reconstrução de um território envenenado pelos altos índices de agrotóxicos e pela monocultura da cana de açúcar, pode explicar uma outra corporalidade,

uma reterritorialização, ou seja, uma possibilidade de outros corpos-territórios com vozes e práticas de resistência e novas estratégias e modos de aparecer/fazer e educar de modo comunitário.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, NÃO FINAIS

Quando nos propomos a indagar sobre quais ações ensinam biologia nos territórios, não foi determinístico que esta ciência validasse os conhecimentos construídos dentro da comunidade de prática em questão, mas compreendemos que quando olhamos para as relações construídas, por esse grupo de mulheres do assentamento, com e na natureza para pensar qualidade de vida e alimentar, existem ali elementos da experiência, da vida e proximidade com o meio natural, que podem contribuir não apenas para o ensino de biologia, mas também todas as ciências que compreendem a integralidade das relações ali existentes. E nesse sentido, pensar este território como local de educação e ensino, construído por pessoas reais, dentro de suas singularidades e singularidades do território foge do modelo único de tratar os ecossistemas no livro didático, que se apresenta com mesmas características para todos os espaços de ensino, sem levar em conta as singularidades humanas, territoriais e culturais.

Essas relações são majoritariamente construídas por lideranças femininas no assentamento, o que contribui para o que acreditamos ser uma perspectiva de ascensão do feminino em espaços em que há pouco era ocupado por homens. No entanto, ao olharmos para o cuidado e afeto com este espaço, mas não de modo ingênuo e romantizado, percebemos que essas mulheres se colocam nesses lugares como quem compreende seu pertencimento, principalmente ao cuidarem das sementes que darão novas árvores, novos frutos, sombras. Talvez seja este um papel não exclusivo de mulheres, mas são sempre as mulheres que salvaguardam esse ciclo de continuidade da vida, de valorar o trabalho cíclico, de “começo, meio, começo” (NASCIMENTO, 2023).

E não por fim, porque acreditamos na continuidade desses e outros processos que podem contribuir para a educação, mas percebemos ao longo deste trabalho que todo o enredo e ações feitas, conhecimentos construídos e estabelecidos por essas mulheres dentro deste assentamento nos diz respeito a um ponto chave: A NATUREZA. E natureza enquanto organicidade, onde estamos e somos parte, o olhar para a existência humana

tendo como foco o cuidar desse ambiente natural, e não apenas o cuidar para utilizar, mas o cuidar compreendendo toda a importância que ela carrega enquanto única e primordial para nossa existência. Do início ao fim (ou pelo menos até aqui) vemos vidas que são circundadas por estas sementes que darão a esperança de um novo “começo”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. J. Proposta da Comuna da Terra no Assentamento Mario Lago (PDS Fazenda da Barra) em Ribeirão Preto - SP. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/nera/monocegeio/monografia_vandei.pdf.

ANUÁRIO DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO. **Apresentação**. 2023. Disponível em: <https://anuario.coop.br/brasil/cooperados>. Acesso em 3 de maio de 2024.

bell Hooks. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo. Elefante, 2021.

CARRILLO, A. T. Pedagogias emancipadoras e novos sentidos de comunidade na América Latina. **Cadernos Cimeac**. v. 10, n.3, 2020. p. 141-154.

Caderno de cooperação agrícola nº 08. **A evolução da concepção de cooperação agrícola do MST (1989 a 1999)**. Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil – CONCRAB. 1999. Disponível em: <https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria/>. Acesso em 15 set. 2022.

DESPRET, V. **Habitar como un pájaro: modos de haver y de pensar los territorios**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2022.

ENGELMANN, S. **Assentamento Mário Lago: do latifúndio improdutivo à produção agroecológica**. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/03/28/assentamento-mario-lago-do-latifundio-improdutivo-a-producao-agroecologica/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FALS BORDA, O. Orígenes universales y retos actuales de la IAP. **Análisis Político**. n.38, 1999. p. 73-90.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.: um reencontro com a pedagogia do oprimido.

FREITAS, A. **Um útero é do tamanho de um pulso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LIMA, H. C. G., et al. O impacto do uso de agrotóxico na agricultura e os problemas de saúde pública: uma revisão. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. Volume 5, Issue 5 (2023), Page 1491-1500.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, W.; RUFINO, L. “O fundamento é a roça” Antônio Bispo dos Santos (1959-2023). Anãnsi_ **Revista de Filosofia**, v. 4, n. 2, 2023, p. 325-328.

OLIVEIRA, L. J. de., et al. Aglomerações produtivas do setor canavieiro no mercado de trabalho formal: uma análise por microrregiões brasileiras (2019 A 2021) . XXI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos – XXI ENABER, Belém. 2023. Disponível em: <https://brsa.org.br/wp-content/uploads/wpcf7-submissions/13471/Enaber-2023-Aglomeracao-productiva-identif.pdf>. Acesso em: 03 Maio de 2024.

SEBRAE. **O que é e como formar uma cooperativa?** 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artigosCoperacao/como-criar-uma-cooperativa.f3d5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em 03 maio de 2024.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível**: manifesto para uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, N. **A Memória Biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Wenger-Trayner, Etienne; Wenger-Trayne, Beverly. **Comunidades de prática una breve introducción**. V April 15, 2015. Disponível em: <http://www.pent.org.ar/institucional/publicaciones/comunidades-practica-una-breve-introduccion>. Acesso em 05 set. 2022.

ZARAGOCIN, S. A geopolítica do útero: por uma geopolítica feminista decolonial em espaços de morte lenta. In: HERNÁNDEZ, Delmy; JIMÉNEZ, Manuel (orgs.). **Corpos, territórios e feminismos**: compilação latino-americana de teorias, metodologias e práticas políticas. São Paulo: Elefante, 2023. p. 85-99.